



**“Pra Frente
Marias”:
convergências
históricas, sociais
e políticas
identificadas
entre o futebol e a
palhaçaria
protagonizados
por mulheres**

Ana Cristina V. Borges¹

Karla A. Cordeiro²

¹ Doutora em Engenharia da Produção (COPPE/UFRJ). Palhaça, Atriz e Contadora de Histórias. E-mail: anaborgesbr@gmail.com.

² Bacharel em Teatro pela Faculdade de Artes da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) / Rio de Janeiro. Atriz, palhaça, diretora de espetáculos. E-mail: concakarla@gmail.com.

**“Pra Frente Marias”:
historical, social and
political
convergences
identified between
women’s soccer and
women’s clowning**

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74083>

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

Resumo:

O futebol é um fenômeno sociocultural do século XX. A história da presença das mulheres nesse esporte possui convergência com sua inserção em outros domínios e o enfrentamento de resistências políticas, culturais, sociais e legais. O trabalho parte de um jogo de futebol feminino protagonizado por mulheres palhaças para discutir obstáculos encontrados por mulheres ao desempenhar funções profissionais em segmentos predominantemente masculinos. A reflexão abarca uma visão multidisciplinar e histórica, considerando a trajetória das mulheres no futebol e na palhaçaria desde o século XIX e o papel libertador e empoderador que ambas as atividades propiciaram a partir da consciência de si, do domínio do corpo, do direito à livre prática do esporte e ao riso.

Palavras-chave: futebol; mulher; palhaçaria; empoderamento; direitos.

Abstract:

Football is a sociocultural phenomenon of the twentieth century. The history of the presence of women in this sport has convergence with their insertion in other domains and the confrontation of political, cultural, social and legal resistance. The work stems from a women's soccer game played by female clowns to discuss obstacles encountered by women to perform professional roles in predominantly male segments. The reflection encompasses a multidisciplinary and historical view considering the trajectory of women in football and in the clownishness since the nineteenth century and the liberating and empowering role that both activities propitiated from the self-awareness, the mastery of the body, the right to free practice sports and laughter.

Keywords: football; woman; clowning; empowerment; rights.

Trajectoria histórica do futebol feminino

O futebol é um fenômeno sociocultural do século XX e um dos esportes mais populares no mundo. A presença das mulheres nesse domínio é recente e permeada por resistências políticas, culturais, sociais e legais. Embora os primeiros registros de jogos de futebol protagonizados por mulheres datem do final do Século XIX, foi a partir de 1970 que as mulheres conquistaram o direito de praticá-lo e profissionalizar-se.

Na Europa, são pioneiras as escocesas/1887, inglesas/1895 (Williams e Ress, 2015), francesas/1920 (Franzini, 2005; Schlesinger, 2011) e austríacas/1923-1924 (Schlesinger, 2011), enquanto, na Oceania, há documentação de times femininos na Austrália/1915 (Ress, 2014 e Haines, 2016). Na Inglaterra, a presença das mulheres no esporte expandiu-se entre 1913 e 1919 como consequência de conjunturas sociais impostas pela Primeira Guerra Mundial. A absorção da mão de obra feminina pela indústria abriu espaço para as mulheres se apropriarem também de práticas sociais até então limitadas aos homens. Os jogos femininos nesse período tiveram inicialmente caráter beneficente, arrecadavam fundos para os homens em batalha e atraíam público expressivo¹. Em 1920 eram 150 times de futebol feminino reconhecidos na Inglaterra. (Williams, 2003; Doble, 2017; William e Ress, 2015).

No Brasil, a primeira partida oficial data de 1921, em São Paulo, evento qualificado pelo jornal *A Gazeta* como “curioso e cômico” (Oliveira, 2011). Há registros de times em Araguari (MG) e Campos dos Goytacases (RJ) em 1930 (Pardo, 2017), não havendo, porém, indícios de profissionalização nesse período, uma vez que as equipes não apresentavam caráter permanente e as disputas tinham também fins beneficentes e se restringiam a exibições festivas (Pardo, 2017; Franzini, 2005). A presença das mulheres no futebol tinha, assim, caráter secundário, limitada à apresentação de um espetáculo gracioso, à participação nas torcidas ou à condição de madrinhas dos clubes (Oliveira, 2011; Pardo, 2017; Franzini, 2005). Em 1940, o Rio de Janeiro contava com dez equipes reconhecidas de mulheres futebolistas (Franzini, 2005).

A partir de gatilhos distintos, mas com argumentos similares, o futebol feminino é alijado do cenário oficial, a partir de 1921, na Europa e, a partir de 1941, no Brasil. Na Inglaterra, com o retorno dos soldados às suas rotinas, os dirigentes dos clubes consideraram inepto manter os times femininos e dar seguimento aos jogos que tinham caráter beneficente, alegando que já haviam investido muitos recursos na modalidade. Em dezembro

¹ DOBLE (2017) relata que, em dezembro de 1917, o jogo de Natal disputado entre The Dick Kerr's Ladies e o French Ladies International Team atraiu público de dez mil pessoas em Londres, e WILLIAM e RESS (2015) relatam público de vinte e sete mil pagantes em março de 1921.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

de 1921, as equipes femininas foram excluídas da FA² (Williams e Ress, 2015). No Brasil, uma convocatória pública para formação de um time feminino no Rio de Janeiro³ despertou reações contraditórias de apoio e rejeição, e uma carta endereçada ao então Presidente Getúlio Vargas questionando a adequação da modalidade para mulheres disparou um processo público que culmina com a proibição legal⁴ da prática do futebol, e de diversos outros esportes, pelas mulheres em 1941 (Franzini, 2005; Emmerick, 2014).

Se os gatilhos foram distintos, os argumentos foram uníssonos e abarcaram, tanto na Europa como no Brasil, pensamento conservador e moralista, que apontava a impertinência de corpos considerados frágeis serem expostos a atividades que exigiam esforço físico, força e condicionamento vigoroso, e a preocupação com prejuízos que poderiam advir para a estética feminina valorizada na época, para a função reprodutiva a elas imputada e para mudanças no comportamento social, consideradas impertinentes para o sexo feminino e que a prática poderia incentivar. Ou seja, a prática sucumbiu ao preconceito (Franzini, 2005; Emmerick, 2017; William e Ress, 2015). Explicita-se nesse processo os diferentes domínios e papéis sociais acessíveis a homens e mulheres. Do ponto de vista econômico, enquanto ao homem são outorgadas as chancelas de produtividade e lucratividade, à mulher cabe aquela meramente beneficente e de entretenimento. Bastaria vontade política por parte de dirigentes dos clubes de futebol da época para que a atividade realizada pelas mulheres, inicialmente sem fins comerciais, passasse a sê-lo no pós-guerra. Ratificam-se aqui as reflexões de Cezard (2009) sobre o direito do homem ao espaço público e os limites do privado imposto às mulheres.

O futebol feminino volta a ser uma realidade a partir da década de 1970. Em toda a Europa, os times femininos ressurgem. Na Inglaterra é criada a Associação de Futebol Feminino⁵ em 1971 (Williams, 2003; Doble, 2017). Nos Estados Unidos, em 1974, um movimento nacional a favor do futebol feminino resultou na criação da Liga Nacional de Futebol Feminino⁶ (Linden, 2015). Em 1979, com a Convenção sobre todas as Formas de Discriminação contra a Mulher⁷, adotada pela Assembleia Geral da ONU, o impedimento legal à prática do esporte passa a ser questionado no Brasil. O Conselho Nacional de Desporto (CND) reverteu sua posição em 1981 e retomou o incentivo à prática do futebol por mulheres que, em 1983, volta a ser legalizada (Emmerick, 2014).

² Football Association, a confederação de futebol da Inglaterra.

³ Primavera Futebol Clube, com sede no Bairro de Cascadura, Rio de Janeiro.

⁴ Decreto-lei 3.199, de abril de 1941. Instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava, em seu artigo 54, que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (FRANZINI, 2005). O CND proibiu a prática do futebol pelas mulheres e indicou que apenas tênis, voleibol, críquete, natação e ciclismo eram esportes recomendáveis à anatomia feminina e poderiam ser praticados como lazer.

⁵ WFA - Women’s Football Association.

⁶ NWFL - National Women’s Football League.

⁷ CEDAW - The Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women.

O futebol feminino retoma, na década de 1980 e em escala mundial, sua trajetória profissional e o reconhecimento definitivo, enquanto categoria, vem em 1991, quando a FIFA organiza o primeiro campeonato de futebol de mulheres na China e incorpora o evento ao seu calendário regular (FIFA, 2018).

Se a década de 1980 testemunhou a expansão de times de futebol feminino no Brasil, com primeira e segunda divisão constituídas, campeonatos regulares em onze estados do país⁸ e mais de duas mil equipes cadastradas na CBF, a década de 1990, mesmo com o advento da Copa Mundial de Futebol Feminino em 1991, testemunhou a decadência da categoria no país (Votre e Mourão, 2004). O fenômeno é explicado pela falta de empenho dos clubes em viabilizar financeiramente a categoria, ancorados no receio existente de que essas iniciativas e o eventual sucesso da modalidade implicassem em redução de recursos para a categoria masculina. Mais uma vez, o preconceito limitou o desenvolvimento dos times e é, ainda hoje, uma barreira a ser transposta pela categoria feminina.

Atualmente o futebol feminino possui maior expressividade profissional na Europa e Estados Unidos com ligas e campeonatos regulares. No Brasil, apesar do reconhecimento como categoria⁹, os desafios enfrentados pelas mulheres são estruturais e os patrocínios são praticamente inexistentes. A falta de recursos inviabiliza a dedicação integral das jogadoras que não conseguem se manter apenas da prática do esporte e passam a depender de atividades complementares para a geração de renda e sobrevivência. Com esse cenário, as jogadoras brasileiras que desejam se profissionalizar têm buscado oportunidades fora do país. É relevante destacar que, mesmo nos países onde a prática do esporte por mulheres possui infraestrutura e apoio institucional público e privado, existe enorme discrepância entre os salários pagos aos homens e às mulheres que atuam profissionalmente no esporte¹⁰ (Kelner, 2017).

Trajетória histórica da palhaçaria feminina

Assim como no futebol, a presença de mulheres na palhaçaria se expande a partir de 1980. No ambiente circense, as habilidades artísticas, até então acessíveis às mulheres, eram restritas a números de acrobacia e equilíbrio, atividades atreladas aos estereótipos de beleza, feminilidade e perfeição conferidos à mulher. Mulheres que participavam de cenas cômicas tinham papéis secundários: eram coadjuvantes no enredo, assistentes de palco ou se

⁸ Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

⁹ A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) informa o calendário dos jogos femininos em 2018 no site <https://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino-a1>. Acesso em 21/02/2018.

¹⁰ Segundo Kelner (2017), levantamento salarial de jogadores de futebol mostra que o pagamento total das sete principais ligas de futebol feminino corresponde ao pagamento de um único jogador masculino: Neymar.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

apresentavam travestidas de homens com o gênero e a identidade real da mesma mantida sob sigilo (Junqueira, 2012; Santos, 2014).

O registro de mulheres palhaças começa na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e na virada dos séculos XIX e XX na cena europeia (Remy, 2002). No Brasil, tem-se o mesmo relato: as primeiras mulheres palhaças tinham papéis secundários, travestiram-se, e registros oficiais de época são praticamente inexistentes. Santos (2014) identificou no circo-teatro a atuação como comediante de Guaraciaba Malhone, na dupla “Cocada e Guiomar”; e o documentário “Minha Avó era Palhaço” (Gabriel e Minehira, 2016) conta a história de Maria Elisa Alves dos Reis, a primeira mulher negra a atuar como palhaço no Brasil: o Palhaço Xamego. Silva e Melo Filho (2014) citam Alvina Campos, Palhaça Corrupta, que atuou com o marido no Circo Treme-Treme entre 1940 e 1960.

A entrada da mulher na palhaçaria acontece a partir dos anos 1980/1990 do século XX. Há uma ruptura no modelo vigente de formação circense, onde a transmissão de saberes respeitava a hierarquia e deliberações familiares, com o surgimento das primeiras escolas de circo¹¹ ocidentais abertas ao público e com a proliferação de cursos e oficinas direcionados exclusivamente à palhaçaria¹².

A presença feminina na palhaçaria impulsiona também seu protagonismo como propositora de dramaturgia. Junqueira (2012) destaca que, mesmo com o início da atuação de mulheres como palhaças, não há registros de textos ou esquetes tradicionais escritos para mulheres, o que é reiterado por Guaraciaba Malhone no documentário “Minha Avó Era Palhaço” (Gabriel e Minehira, 2016). Essa realidade é explicitada na literatura que compila textos tradicionais de entradas e reprises europeias e brasileiras (Remy, 2016; Bolognesi, 2003). Ao não se identificarem com esses textos – cujo conteúdo não raro é machista e utiliza recursos cômicos que remetem à violência, como tapas na cara, chutes, empurrões, para construir a graça – as mulheres palhaças passam a propor uma nova abordagem para a dramaturgia.

Gardi Hutter¹³ foi quem primeiro cruzou essa fronteira e elegeu profissões tradicionalmente femininas como fio condutor de reflexão da sua palhaça nos seus espetáculos: costureira, lavadeira e cozinheira (Silva, Michelle. 2014). Na cena brasileira, as

¹¹ As primeiras escolas de circo surgem, segundo Santos (2014), na Rússia, com a nacionalização do circo que, após a revolução de 1917, deixa de ser privado. A partir dos anos 1960/1970, o modelo é implementado: nos Estados Unidos em 1968 (Ringling Bros. and Barnum & Bailey Clown College); na França em 1974 (École Nationale du Cirque, por Annie Fratellini); e no Brasil a partir de 1978 (Academia Piolin de Artes Circenses em São Paulo/1978 e a Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro/1982; Escola Picolino de Artes do Circo em Salvador/1985).

¹² É interessante notar que a palhaçaria é mais difundida em oficinas que nas escolas de circo propriamente ditas. Das escolas de circo existentes no Rio de Janeiro, nenhuma inclui a palhaçaria em sua grade curricular oficial. As habilidades ensinadas estão relacionadas a malabarismos, trapézios, saltos, equilíbrio individual e coletivo, e acrobacias. Foram consultadas: Escola Nacional de Circo, Circo Crescer e Viver, Cia Up Leon.

¹³ Palhaça Suíça.

pioneiras nessa abordagem são “As Marias da Graça”¹⁴, com o espetáculo “Tem Areia no Maiô”. Resultado de criação coletiva, o tema surge do impulso de se ter algo que fuja ao tradicionalmente constituído e se aproxime de alguma forma do universo feminino (Borges e Cordeiro, 2017). A ruptura com esquetes clássicas e a busca por uma dramaturgia própria foi inicialmente defendida por Jacques Lecoq (2010), que incluiu o *clown* na estrutura pedagógica de sua escola e assevera ser a pesquisa do palhaço de cada indivíduo a pesquisa do seu próprio ridículo. Lecoq (2010) ressalta como fundamento do jogo do palhaço a verdade, a exposição de suas fraquezas e vulnerabilidades sem interpretar ou representar um papel predeterminado. O palhaço, para ser bem-sucedido como tal, expõe sua inocência e a construção psicológica do seu fracasso.

Não há estatística oficial sobre o número de mulheres palhaças atuantes no Brasil. No entanto, por meio de iniciativas para o fortalecimento das mulheres palhaças¹⁵, sabe-se que elas estão presentes em todos os estados brasileiros e atuando nos diversos cenários da palhaçaria, como o circo, a rua, teatro, relacional (hospitais, asilos, creches, etc.), entre outros.

Resistência feminina e convergências históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais identificadas no futebol e na palhaçaria

Há relação histórica, social, política, econômica e cultural – objetiva e subjetiva – entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres. Observa-se, inicialmente, uma relação temporal entre as primeiras manifestações e registros de mulheres em ambas as atividades (anos 1920-1940), e o período em que há uma expansão da presença feminina nesses domínios também coincide (anos 1980-1990). Entre os primeiros torneios registrados de futebol feminino no Brasil estão partidas jogadas por artistas no picadeiro circense (SILVA, Kelen. 2014), espaço que consagrou o palhaço como referência de comicidade.¹⁶ Do ponto de vista social, observam-se, em ambos os períodos, movimentos que reivindicaram a expansão dos direitos civis das mulheres.

O primeiro momento, no início do século XX, vem como decorrência da Primeira Grande Guerra e da experiência de trabalho vivida pelas mulheres que substituíram os homens que foram para as batalhas. Essa primeira onda feminista (Bitencourt, 2015) acontece na década de 1920, também conhecida como sufragista, e culmina, no Brasil, com as mudanças de 1932 que concederam à mulher o direito ao voto, passaram a reconhecê-la

¹⁴ Grupo carioca fundado em 1991.

¹⁵ Rede de Mulheres Palhaças, Festivais de Palhaçaria Feminina, Cabarés de Palhaçaria Feminina.

¹⁶ Anúncio não datado do Circo Irmãos Querolo convida para o início do torneio de futebol feminino disputado pelas moças do Curitiba Futebol Clube e Atlético Paranaense.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

como chefe do lar no caso específico de viuvês e outorgaram-lhe o direito a trabalhar, neste caso, independente de autorização masculina.

Observa-se, no período entre 1930 e 1960, um recrudescimento moral, com valores conservadores, tradicionais e reacionários em ascensão, o que provoca um amplo alijamento da mulher no cenário público em geral. Essas décadas são marcadas por um retrocesso frente às breves liberdades adquiridas pela mulher no período da guerra e há uma reapropriação política e social dos corpos femininos, cuja função é vista como apenas reprodutiva e deve ser, por isso, preservada. Essa visão é reiterada nos discursos e narrativas vigentes que consideram a mulher frágil, delicada, inepta a determinadas atividades e nos estereótipos socialmente construídos que determinam o comportamento então aceitável para uma mulher.

O segundo momento, na segunda metade do século XX, vem como decorrência da Segunda Grande Guerra. A segunda onda feminista acontece assim nos anos de 1960 (Bitencourt, 2015) e tem como principal marco legal no Brasil a aquisição, por todas as mulheres, dos direitos ao CPF próprio e de trabalhar independente de autorizações familiares (1962)¹⁷. Nos campos político, cultural e social, as mulheres protagonizam movimentos que impulsionam mudanças estruturais no seu papel social, permitindo-lhes aspirar e conquistar lugares até então reservados exclusivamente aos homens na sociedade. Nesse sentido, artes e esporte contribuem com esse movimento. Riordan (2014) afirma que a consciência advinda do desenvolvimento de habilidades a partir do domínio do corpo e a possibilidade de demonstração pública de habilidades físicas e cognitivas associadas especialmente ao esporte impactam na autoconfiança e noção de independência das mulheres. Para ele, *“o sucesso feminino no futebol e em outras atividades desafia todo um conjunto cultural e tradicional de atitudes sobre a posição e o papel das mulheres na sociedade”*.

Tanto o futebol como a palhaçaria representam, frente à narrativa vigente, uma subversão feminina. Primeiro, ao reivindicarem espaço e adentrarem, apesar de todos os obstáculos, ambientes dominados pela lógica masculina. Segundo, pelas possibilidades subjetivas de desconstrução da imagem social da mulher que as atividades representam.

Essa desconstrução se relaciona à imagem social e às narrativas que, por meio da linguagem, estruturam um processo de dominação dos homens em relação às mulheres. Butler (2017) aborda a questão e assevera que a linguagem *“em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferença e disparidade e, conseqüentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social”*. Na sociologia e nos estudos feministas, essa hierarquização diz respeito às atividades e qualidades que definem socialmente as categorias de gênero em uma relação que cria oposições e

¹⁷ Até essa data, as mulheres utilizavam o CPF do pai ou do marido, e o exercício de atividade profissional remunerada necessitava de autorização formal por parte deles.

fundamenta a estrutura de exclusão e restrição imposta às mulheres. Assim, enquanto o universo masculino corresponde a adjetivos como forte, desbravador, produtor, objetivo, lógico, duro, ativo, proativo e lhe permite sem julgamentos situações de impureza, vulgaridade, protagonismo, visibilidade e o direito ao erro; ao universo feminino são referenciados adjetivos como frágil, protetora, consumidora, subjetiva, emocional, passiva, receptiva, e espera-se de seu comportamento o decoro, a pureza, a elegância, a discrição, a submissão e a exposição limitada e a perfeição (Cezard, 2009; Butler, 2017; Naudier e Rollet, 2007).

Observa-se na estrutura da narrativa que justificou a negação às mulheres para o exercício do futebol e da palhaçaria uma convergência de padrões de expectativas sociais. Alegações de corpo frágil, de falta de estrutura física, de risco de masculinização, de perda das capacidades reprodutivas no que tange à exposição a atividades que envolviam riscos físicos são observadas nas narrativas que legitimam a não participação de mulheres nesses domínios. Ou seja, tanto no futebol como na palhaçaria, os códigos e a prática dessas atividades são assimilados como de natureza masculina (Cezard, 2009; Kessler e Zanini, 2013; Pisani, 2012; William e Ress 2015) e socialmente construídos como exclusivos dos homens.

Cezard (2009) questiona e procura desvendar as estruturas de construção social que fundamentam as caracterizações dadas a uma palhaça nos tempos atuais e fatores que impedem que mulheres sejam relacionadas, de imediato e no senso comum da sociedade, à palhaçaria e ao conceito arquetípico do palhaço. Há explicações na literatura mitológica (Hyde, 2017), sociológica (Remy, 2002; Junqueira, 2012; e Santos, 2014) e nos estudos feministas (Cezard, 2009, Butler, 2003) que abordam a influência da sociedade patriarcal e o preconceito vigentes como fatores determinantes dessa exclusão. Remy (2002) chega a afirmar que as mulheres não possuem preparo social e psicológico para exercer esse ofício. O núcleo forte das explicações encontradas nos domínios acima se aplica também à distância, no senso comum, entre mulheres e futebol.

Há outro fator que subverte a ordem estabelecida para o universo feminino e que está presente tanto no futebol como na palhaçaria: o direito ao erro e ao imprevisto. Mesmo requerendo conhecimento e desenvolvimento técnico, ambas as atividades possuem alto grau de improvisação e o acerto não é matemático, vem a partir do erro. Nos dois casos, apesar do roteiro, das jogadas ensaiadas no campo e no palco, não se sabe o que acontecerá. Nenhum dos dois jogos – o jogo do futebol e o jogo da palhaçaria – pode ser antecipado e o seu momento, sua verdade, está no presente. Isso indica que o resultado é sempre imprevisível, podendo haver mudança completa de expectativas no último segundo tanto do jogo de futebol como da apresentação de um espetáculo de palhaçaria.

Metodologia

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

A base metodológica deste artigo é qualitativa, tendo o estudo de caso descritivo e interpretativo (YIN, 2001) como referência. O trabalho contemplou pesquisa bibliográfica referente à história das mulheres no futebol e na palhaçaria, utilizando-se de palavras-chave que direcionassem a esses universos conceituais (história, futebol feminino, futebol, mulher, soccer, women, football, palhaça, clown, women clown, femmes clown, clownerie, Brasil, gênero, e outros). O material coletado conduziu ao entendimento histórico e à identificação de convergências entre os ambientes do futebol e da palhaçaria para, então, a análise do espetáculo “Pra Frente, Marias”.

“Pra Frente, Marias”: um espetáculo do futebol jogado por palhaças

“Pra Frente, Marias” é um espetáculo de palhaçaria feminina no qual palhaças cariocas entram em cena jogando uma partida de futebol, tema que é cotidiano nas rodas de conversas populares. O futebol, assim como a rua, é palco dos assuntos do dia e é um tema que rompe fronteiras, ultrapassa o limite cultural e engaja cidadãos de todos os países do mundo em uma mesma corrente de vibração e torcida. Unindo essas duas vertentes, esporte e teatro popular, o grupo “As Marias da Graça” leva ao público dois expoentes da cultura nacional integrados no esporte preferido e no notório bom humor do povo brasileiro.

“Pra Frente, Marias” foi concebido em 1998 no ensejo da Copa do Mundo de Futebol, acontecimento que integra a categoria de megaeventos esportivos cuja dimensão vem aumentando a cada edição. O evento representa uma oportunidade de visibilidade comercial e cultural não apenas para o país-sede, como também para os países partícipes da competição. Se o país-sede tem retornos mensurados a partir da atração e circulação de turistas, geração de empregos e retorno no PIB (Magno, 2011), os países partícipes têm oportunidade de retorno mensurado na visibilidade e nas estratégias de oportunizar imagem, comércio e cultura do país (Santos, 2011). Observa-se, no período do evento, a realização de atividades de cunho cultural oferecidas pelos países participantes.

No âmbito esportivo, o Brasil é considerado e reconhecido como um dos países mais bem-sucedidos do futebol mundial, sendo a única seleção a participar de todas as edições realizadas até então de Copas do Mundo e com o talento de jogadores brasileiros disputado pelos principais times europeus. Venerado na sua forma profissional, que aglutina em cada estado da federação uma multidão de torcedores fervorosos que se mobiliza em prol de seu time do coração, o futebol é praticado como esporte por elevado percentual da população em caráter amador. Os jogos da Copa do Mundo unem o país como torcida e nação. Tornam-se a principal pauta de temas cotidianos da população brasileira, engajando homens, mulheres, crianças e idosos, sem distinção de raça, credo, faixa etária, gênero ou qualquer outra variante demográfica. Em outro lado, a cultura e o teatro, em suas mais diversas formas, são um instrumento de socialização e integração de pessoas. O teatro popular, de

maneira mais específica, e ao qual a palhaçaria está historicamente ligada, é uma manifestação que permite o fortalecimento da identidade cultural de uma cidade, região ou país.

Foi nessa perspectiva conceitual, e com o objetivo de aproveitar comercialmente o tema do ano, que o espetáculo foi criado, abarcando dois espaços nos quais a presença feminina é decorrente de insistência e resistência dada a sua exclusão histórica: o futebol e a palhaçaria. “Pra Frente, Marias” é um espetáculo de mulheres palhaças que tem o futebol como temática em uma lógica de mercado que objetivava potencializar financeiramente a oportunidade que os jogos mundiais de futebol representavam.

Evandro Mesquita foi convidado pelo grupo para dirigir a iniciativa por ter uma forte e reconhecida relação com o futebol (especialmente com o Fluminense, time tradicional do Rio de Janeiro), e pela experiência no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. A trajetória de Evandro aportava a oportunidade de uma dramaturgia inspirada nas histórias em quadrinho, com poucas falas e potente interação com o público.

A dramaturgia do espetáculo consiste numa partida de futebol jogada por palhaças que colocam no gramado sua forma peculiar e todo seu "conhecimento" sobre o tema, resultando num divertido jogo. A atuação se desdobra em atrapalhadas situações sequenciais que incluem pênaltis, dribles, faltas, cartões vermelhos e expulsão. O espetáculo é estruturado em teatro gestual, sem texto ou comunicação oral. Faz uso de recursos visuais inspirados nas histórias em quadrinho para se comunicar com a plateia: palavras-chave aparecem como legendas, em placas que permitem ao público visualizar os pensamentos e diálogos entre as jogadoras e a juíza. Esse recurso permite que o público visualize e interprete os pensamentos das palhaças ou os diálogos entre jogadoras e juíza. Essa estrutura permite ainda a adaptação do espetáculo para qualquer contexto linguístico-cultural, pois as palavras-chave podem ser traduzidas e apresentadas no idioma local ou em diversos idiomas numa espécie de “tradução simultânea”.

Para atingir seu objetivo, o grupo trabalha a partir de uma dramaturgia própria com gags¹⁸ pesquisadas especialmente para o espetáculo. No decorrer da apresentação de “Pra Frente, Marias”, as palhaças comentam temas referentes à atualidade do futebol: buscam referências nos últimos jogos ou na última temporada da Seleção, comentam sobre a performance do futebol feminino, as melhores jogadas, etc. A trilha sonora do espetáculo reproduz a musicalidade que acompanha o futebol: é estruturada a partir de alguns hinos de times com repercussão nacional e referências inesquecíveis, como a vinheta do Canal 100, de Waldir Camon¹⁹.

¹⁸ Efeitos cômicos.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=5uCPo6p97Pw>

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

A primeira versão do espetáculo²⁰ é influenciada apenas por referências masculinas de futebol, as gags e trejeitos eram masculinos, e uma das explicações é a então inexistência de uma forte referência feminina estabelecida no futebol profissional. Um exemplo é o momento de expulsão de uma das jogadoras que, após ser expulsa por negligência da juíza, é ovacionada pela plateia que clama pela sua volta ao campo. A jogadora retorna e dá uma cabeçada na juíza que a expulsou de campo. Há uma variável de violência que é inerente ao universo masculino nessa cena e, com raríssimas exceções, registrada em partidas de futebol feminino. Outro momento que tem referência explícita no futebol masculino é o penalti, em que as jogadoras afirmam, de forma brincalhona, que quem marcaria o lance seria Roberto Carlos, tido nessa época como um jogador imbatível em seus chutes diretos a gol. A sonoplastia nessa primeira versão foi composta por uma sequência de hinos do futebol, a música “O Carinhoso”²¹, e terminava com uma versão do “Segure o Tchan”²², que marcava a entrada definitiva das equipes em cena. A escolha da última música explicita a inexistência de um conjunto dramático que reflita e se posicione criticamente sobre a visão masculina predominante, que objetifica e sexualiza a mulher.

Há, ainda, uma abordagem estética na primeira versão que remete a operárias em campo (o figurino de entrada era um macacão padronizado na cor marrom) e as palhaças entravam segurando o campo, colocavam-no no chão, montavam o campo de futebol e, então, faziam uma strip-tease, despindo-se do macacão e revelando os uniformes existentes por baixo. Nessa montagem, o espetáculo era coreografado e o jogo de futebol seguia um formato preestabelecido. As palhaças brincavam com a bola, mas respeitavam as marcações cênicas com poucas improvisações.

Uma segunda versão do espetáculo²³ surge em 2010. Mudanças na constituição do grupo e o fato de uma das integrantes estar grávida conduz a novas soluções cênicas e alterações na dinâmica do espetáculo. As mudanças aproximam o espetáculo de uma perspectiva mais feminina. Entre as mudanças estão a entrada das palhaças que não mais carregam o campo consigo, a mudança no figurino que retira o macacão masculino e a utilização de novos cartazes, abertos por cada uma das palhaças e argumentando por que não podem (ou querem) montar o campo. Para realizar essa tarefa, elas angariam quatro homens da plateia para fazê-lo em seu lugar.²⁴ A sonoplastia nessa versão se restringe aos hinos de futebol. A eliminação específica de “Segure o Tchan” se dá por duas questões: não é

²⁰ Elenco: Ana Luísa Cardoso, Geni Viegas, Isabel Gomide, Karla Concá e Vera Lúcia Ribeiro.

²¹ “Carinhoso” é uma das obras mais importantes da música popular brasileira. Composta entre 1916 e 1917 por Pixinguinha.

²² Música do grupo brasileiro de pagode/axé É o Tchan que se tornou muito popular na segunda metade da década de 1990.

²³ Elenco: Geni Viegas, Karla Concá, Samantha Ansiães e Vera Lúcia Ribeiro.

²⁴ As argumentações exibidas nos cartazes retratam a realidade vivida pelas mulheres na época dessa versão. Uma delas estava grávida, outra completava 51 anos com problemas nos joelhos, outra não queria estragar as unhas, e a quarta possuía osteofitose (popularmente conhecida como bico de papagaio), um tipo de artrite que causa dores e compromete a articulação, e as cartilagens se calcificam para compensar os desgastes ósseos.

mais a música sensação do momento e há uma conscientização crítica sobre o conteúdo machista. Nessa montagem, as palhaças têm mais liberdade e não há rigidez quanto à coreografia. As palhaças realmente correm atrás da bola, disputam-na, revelando-se “fominhas por ela” nas palavras de Samantha Ansiães e Geni Viegas.²⁵ Essa versão incorporou um homem ao elenco para desempenhar o papel de técnico, massagista e contrarregra, apoiando as palhaças com a sequência das placas a serem exibidas. Seu figurino era um jogging esportivo e o mesmo não se caracterizava como palhaço. Esse novo elemento traz para a versão a questão do cuidado que é inerente ao universo feminino: incorpora a possibilidade de as jogadoras e a juíza descansarem e serem cercadas de cuidados. Cabe a ele indicar a pausa e parar o jogo para que elas descansem entre uma jogada e outra, oferecer-lhes água e fazer massagem.

Uma terceira versão está sendo discutida pelo grupo com alterações que contemplem a atualização do roteiro com uma palhaça assumindo a função do técnico, massagista e contrarregra e a revisão de atitudes e jogos cênicos identificados pelo grupo que ainda reforçam o discurso machista.

Conclusão

O presente trabalho estrutura-se em uma abordagem multidisciplinar e transversal, relacionando arte e esportes, em uma perspectiva histórica e sociológica para, a partir de um jogo de futebol feminino protagonizado por mulheres palhaças, discutir obstáculos encontrados por mulheres ao desempenhar funções profissionais em segmentos predominantemente masculinos.

As convergências existentes na trajetória temporal de mulheres no futebol e na palhaçaria são políticas, econômicas, sociais e culturais. Tanto a atividade esportiva como a prática artística têm representado e contribuído para uma mudança na percepção de habilidades físicas e cognitivas que fortalecem e encorajam as mulheres com impactos na autoestima, na autoconfiança e na percepção como indivíduo.

Ambas as atividades – palhaçaria feminina e futebol feminino – têm a década de 1990 como marco na sua profissionalização: enquanto a primeira surge como prática artística com propostas de dramaturgias contemporâneas desvinculadas das propostas tradicionais, machistas, a segunda conquista espaço em competições internacionais com a entrada da categoria feminina na Copa do Mundo de 1991 da FIFA e, na sequência, as competições nos Jogos Olímpicos de 1996.

²⁵ Integrantes do grupo “As Marias da Graça”.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

O futebol, assim como a palhaçaria, é atividade de acerto pelo erro. Estruturas de jogo nas quais o sucesso vem a partir de um conjunto de tentativas fracassadas que culminam –ou não – em um acerto comemorado. Nesse sentido, ambas as atividades se mostram subversivas e potentes no sentido de conceder à mulher a gestão de seu corpo, seus interesses e de conduzir a uma nova percepção social sobre o que é e o que não é permitido às mulheres. Trata-se de atividades que têm potencial libertador e propiciam empoderamento e autoconsciência física e cognitiva às mulheres que as praticam.

Artigo recebido em 9 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

BITENCOURT, Naiara Andreolli. “Movimentos Feministas”. *Revista InSURgência*. Brasília, ano 1, V. 1., n. 1., jan./jun., 2015.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BORGES, Ana Cristina Valente; CORDEIRO, Karla Abranches. “Palhaçaria Feminina: Trajetória de Investigação e Construção Dramatúrgica de Espetáculos Dirigidos por Karla Concá.” *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero, Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

CEZARD, Delphine. “La figure féminine du clown: enjeux et représentations sociales.” *Les Cahiers de l’idiotie* (revue en ligne), n° 2, Clowns, Québec, Canadá, 2009. Págs. 77-93.

DOBLE, Anna. *The Secrety History of woman's football*. In: Newsbeat. 19/07/2017. <http://www.bbc.co.uk/newsbeat/article/40654436/the-secret-history-of-womens-football>. Acesso em 20/02/2018.

EMMERICK, Iara Viegas. *Em busca de dignidade e reconhecimento*. 2014. 32f. Trabalho de Conclusão de Disciplina. Centro de Ciências da Saúde. Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

EMMERICK, Iara Viegas. *As Diferentes Funções da Mulher no Futebol*. 2017. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências da Saúde. Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

FIFA. *FIFA's Women World Cup China PR 1991*. Data não especificada. <http://www.fifa.com/womensworldcup/archive/chinapr1991/index.html>. Acesso em 21/02/2018.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol." *Revista Brasileira de História*. Vol. 25, n. 50, São Paulo, julho-dez., 2005.

GABRIEL, Mariana e MINEHIRA, Ana. *Minha Avó era Palhaço*. Documentário. 50 minutos. Resultado de projeto apresentado e selecionado para o Prêmio Funarte Carequinha de Fomento ao Circo, categoria Pesquisa em 2014. São Paulo, 2016.

HAINES, Katherine. "The 1921 Peak and Turning Point in Women's Football History: An Australasian, Cross-Code Perspective." In: *The International Journal of the History of Sport*, vol. 33, 2016, n. 8, 828–846. Routledge.

HYDE, Lewis. *A Astúcia Cria o Mundo. Trickster: trapaça, mito e arte*. Tradução Francisco R. S. Innocêncio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

JUNQUEIRA, Mariana Rabelo. *Da graça ao riso: contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2012.

KELNER, Martha. *Football's gender pay gap worse than in politics, medicine and space*. In: The Guardian. 26/11/2017. <https://www.theguardian.com/football/2017/nov/26/football-gender-pay-gap-worse-than-in-politics-medicine-and-space>. Acesso em 21/02/2018.

KESSLER, Claudia Samuel; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980. In: *Esportes e Sociedade*. 2013, ano 8, vol. 22, págs. 1-17.

“Pra Frente Marias”: convergências históricas, sociais e políticas identificadas entre o futebol e a palhaçaria protagonizados por mulheres

LECOQ, Jaques. *O Corpo Poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

LINDEN, Andrew D. “Revolution on the American Gridiron: Gender, Contested Space, and Womens’s Football in the 1970s.” *The International Journal of the History of Sport*. 2015, vol. 32, n. 18, 2171-2189.

MAGNO, Felipe. *A Copa do Mundo no Brasil: possíveis legados desse megaevento para a cidade de Porto Alegre*. Trabalho de conclusão de graduação em Educação Física. UFRGS, 2011.

NAUDIER, Delphine e ROLLET, Brigitte. *Genre et légitimité culturelle. Quelle reconnaissance pour les femmes?* L’Harmattan. Paris, 2007.

OLIVEIRA, Sérgio. *Futebol Feminino no Brasil - A História*. 08/02/2011. <https://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/>. Acesso em 20/02/2018.

PARDO, Aristides Leo. “O Futebol Feminino no Brasil.” In: *Leituras da História*. 10/02/2017. <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/o-futebol-feminino-no-brasil/>. Acesso em 20/02/2018.

PISANI, Mariane da Silva. *PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2012.

REMY, Tristan. “Les Femmes-Clowns Et Les Femmes-Auguste.” In: *Les Clowns*. Paris: Bernard Grasset, 2002, págs. 438-446.

REMY, Tristan. *Entradas clownescas: uma dramaturgia do clown*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2016.

RESS, Rob. “Missing in Action? New Perspectives on the Origins and Diffusion of Women’s Football in Australia during the Great War.” In: *The International Journal of the History of Sport*, 2014, vol. 31, n. 18, págs. 2.326–2.344.

RIORDAN, Jim. “The Social Emancipation of Women Through Sport”. In: *The British Journal of Sports History*, 1985, vol. 2, págs. 53-61.

SANTOS, J. Peluso, M. et all. “Indústria Cultural: O profissional de educação física e o legado de megaeventos esportivos.” *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, ano 16, n. 159, agosto de 2011.

SANTOS, Sarah Monteath dos. *Mulheres Palhaças: Percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2014. SCHLESINGER, Yvonne Weigelt; LINNE, Carina Sophia; HALLMANN, Sandra. “Die

Geschichte des Frauenfußballs in Deutschland.” *German Journal of Exercise and Sport Research*. V. 41, págs. 149-151, 2011.

SILVA, Ermínia; MELO FILHO, Celso Amâncio. *Palhaços excêntricos musicais*. Rio de Janeiro: Grupo Off-Sina, 2014.

SILVA, Kelen Katia Prates. “O Feminino nos Anos Iniciais do Futebol no Brasil: uma história não contada (1920-1941).” *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

SILVA, Michelle Silveira. “Entrevista com Gardi Hutter.” In: *Revista de Palhaçaria Feminina*, n. 3, págs. 77-84. Porto Alegre: Funarte, 2014.

VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila. “Women’s Football in Brazil: Progress and Problems.” In: *Soccer, Women, Sexual Liberation: Kicking off a New Era*. Págs. 254-267. Fran Cass. London, 2004. WILLIAMS, Jean. *A Game for Rough Girls? A History of Women’s Football in Britain*. Routledge. London, 2003.

WILLIAMS, Jean; HESS, Rob. “Women, Football and History: International Perspectives.” *The International Journal of the History of Sport*. Vol. 32, Iss. 18, 2015.

YIN, R. K. “Case study research: design and methods.” *Thousand Oaks*: SAGE Publications, 2002.